



Atlas Praguense de João Teixeira Albernaz I – comparações comentadas de alguns de seus mapas

Paulo Márcio Leal de Menezes*

Resumo

Em 1994, com a cooperação do Serviço Geográfico do Exército da República Tcheca, foi possível apresentar pela primeira vez um manuscrito do século XVII, descoberto na Biblioteca Nostitz, em Praga. Havia intenção de se publicar uma edição em fac-símile, tendo sido copiada em microfilme para fins de estudo. Ocorreu porém o roubo do documento, no Museu Nacional de Praga, não tendo sido até hoje encontrado.

A obra é anônima, tendo sido comparado com amostras da cartografia portuguesa antiga, deduzindo-se a sua autoria ao cartógrafo João Teixeira Albernaz I. O Atlas não é cópia direta de nenhum outro publicado por Albernaz I, mas uma obra independente. Sua datação leva aos anos de 1628 e 1640, devido a algumas características apresentadas nos diversos mapas.

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Atlas Praguense, sua estrutura e documentos principais bem como as pesquisas realizadas sobre a documentação, as quais caracterizaram a datação e autoria do Atlas. Em um segundo momento apresentar-se-á um estudo comparativo entre o mapa da Demonstração do Rio de Janeiro, pertencente ao Atlas, com os demais mapas elaborados por Albernaz, tais como: Carta do Rio de Janeiro, de 1626, Carta do Rio de Janeiro, de 1627, Descrição do Porto do Rio de Janeiro de 1630, Capitania do Rio de Janeiro, de 1631 e a Carta do Rio de Janeiro de 1640.

A análise comparativa será desenvolvida através da descrição gráfica, toponímia atribuída, verificação de sinais característicos de João Teixeira Albernaz, bem como identificando o mapa apresentado no Atlas Praguense como sendo de sua autoria. Desta forma o trabalho pretende acrescentar algumas informações a mais sobre o trabalho deste proeminente cartógrafo português.

* UFRJ – IGEO – Departamento de Geografia – Laboratório de Cartografia - pmenezes@ufrj.br





Abstract

In 1994, with the cooperation of the Army Geographical Service of Czech Republic, it was possible to present by the first time, a manuscript of 17th century discovered in the Nostitz Library, in Prague, Czech Republic. There was intention of publishing a facsimile edition of this manuscript, having it been copied in microfilm for development of researches. Unfortunately it was happened the robbery of the document, in the National Museum of Prague, and until today it was not found.

The work is anonymous, and it was compared with samples of the old Portuguese cartography, and deduced its authorship to the cartographer João Teixeira Albernaz 1. The manuscript, as an Atlas, is not a direct copy of any other one document published by Albernaz 1, but it is an independent work. The dating of the document takes to the years of 1628 and 1640, due to some analyzed characteristics presented in several maps.

This paper aims to present the Atlas Praguense, its structure and main documents, as well as the researches accomplished on the documentation, which characterized the dating and authorship of the Atlas. In a second moment it will be presented a comparative study among the map of “Demonstração of Rio de Janeiro”, belonging to the Atlas, with other maps elaborated by Albernaz, such as: Carta do Rio de Janeiro, 1626; Carta do Rio de Janeiro, 1627; Descrição do Porto do Rio de Janeiro, 1630; Capitania do Rio de Janeiro, 1631 and Carta do Rio de Janeiro, 1640.

The comparative analysis will be developed through the graphic description, attributed geographical names, verification of characteristic signs of João Teixeira Albernaz, as well as, identifying the map presented in the Atlas Praguense as being of his authorship. In this way this work intends to increase some information more on this prominent Portuguese cartographer's work.

1 – Introdução

O documento conhecido como ATLAS PRAGUENSE, foi encontrado nos fundos da Biblioteca Nostitz, em Praga, República Tcheca. Este documento já era conhecido, através do inventário dos livros da família Nostitz, porém não era a ele dada uma importância maior, a qual só começou a ser mostrada, através do historiador tcheco, Josef Polišenský, que juntamente com o Prof





Dr Luis de Albuquerque, procuraram desenvolver um projeto para uma edição em facsímile do Atlas, a qual seria denominada de *Libro universal de las navegaciones del mundo con las demostraciones de los puertos mas principales del*.

O Atlas Praguense original foi apresentado na Feira Internacional de Livros de Frankfurt am Main, 1992, tendo sido logo após, em 1994, roubado do Museu Nacional de Praga, não tendo sido possível então, a elaboração da edição do seu facsímile.

A edição do PRAŽSKÝ TEIXEIRŮV ATLAS, de 2004, editada por Simona Binková, baseou-se nas cópias microfilmadas em preto e branco, as quais foram efetuadas para fins de estudo do documento, com uma qualidade bastante inferior e que fosse capaz de satisfazer e condizente com a importância da obra. No entanto, devido a esta importância e a sua significância para a Cartografia, notadamente a Cartografia Portuguesa do século XVII, o lançamento e a divulgação da obra, com certeza fez com que se a divulgasse, com a esperança de sua rápida recuperação, o que infelizmente até o momento não ocorreu.

1.1 – Descrição Geral do Atlas

O Atlas é composto de mapas e texto, trabalhado em papel com as dimensões de 463 mm x 360 mm, contendo 44 folhas, das quais a primeira e as cinco últimas apresentam-se em branco. Uma encadernação em capa dura de couro castanha e ornamentação dourada garante a documentação e textos do documento. A folha de rosto apresenta o título, em letras douradas sobre fundo avermelhado. Todos os mapas são apresentados em cores.

Os títulos dos mapas estão em espanhol, assim como o título do documento, porém os textos dos mapas são apresentados em português, com exceção daqueles relativos aos territórios coloniais espanhóis na América.

O Atlas é composto de 114 mapas. Alguns ocupando duas folhas, tais como: MAPA VNIVERSAL, às folhas 3v e 4r; OCEANVS SEPTENTRI/-ONALIS, às folhas 5v e 6r; BRASIL e COSTA DA AFRICA 13v e 14r; AFRICA SVL às folhas 20v e 21r; PERU, CHILE, RIO DE LA PLATA, ESTRECHO DE MAGALLANES Y DE MAIRE CO PARTE DEL MAR DEL SUL, 34v e 35r, entre outros.

Diversas folhas contêm mapas, apresentando detalhes de costas, portos





ou de acessos. Alguns ocupam uma folha, como a *DESCRIÇÃO DOS RIOS PARÁ E AMAZONAS* e a *DESCRIÇÃO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS*, outros em meia folha, como o mapa da *ILHA DE TAMARACÁ* e de *PERNAOBVCO*. Ainda, em diversas folhas, estão representados 4, 5, 6, 8 ou 10 pequenos mapas, mostrando detalhes de locais, em descrições e demonstrações, de portos, acessos, ilhas, fortificações e cidades.

A origem do mapa é tida como portuguesa, devido à alguns detalhes que levam à esta conclusão, como por exemplo, por uma grande maioria dos mapas apresentarem os topônimos em português; existência de notas explicativas sobre navegantes portugueses, seus feitos e explorações; apresentação de notícias sobre os vice-reinados na Índia, sobre a fundação de portos e fortalezas, bem como descrições detalhadas dos demais territórios dominados pelos portugueses, tais como a Foz do Rio Amazonas e a Capitania de Pernambuco. Ainda são anotadas referências das lutas entre ingleses e holandeses, caracterizando-se assim a sua origem.

Por essas razões apresentadas, presume-se inicialmente que o Atlas tenha sido elaborado no período entre 1630 e 1640. No entanto, ao se fazer uma análise mais profunda dos diversos mapas, bem como das informações associadas, é possível estabelecer um período de tempo menor, entre 1631 e 1633 (BINKOVÁ, 2004). Como exemplos, à folha 22r e 22v, aparece a data explícita de 1622. É a única data realmente apresentada nos títulos, em toda a documentação cartográfica. As demais indicações de datação têm de ser buscadas nas informações que acompanham os diversos mapas.

1.2 – Confirmação da Época

O que pode ser procurado para confirmação da época de elaboração do Atlas, virá através das descrições de acontecimentos históricos, descobertas e anotações e inscrições consideradas importantes para a determinação da datação. As análises realizadas por Binkova (2004), apresentam razões para a confirmação do período de elaboração do Atlas. Considerando-se a data explícita de 1622, encontrada nas folhas citadas, verifica-se que às folhas 32v e 33r apresenta-se o Mapa marítimo do Pacífico Sul, com a presença da Nova Guiné como uma ilha. Isto veio através da expedição de Pedro Fernandes Queirós, capitão português a serviço da Espanha, em 1606. Esta represen-





tação somente veio a aparecer no mapa de Manoel Godinho de Erédia, que somente foi tornado público após a sua morte em 1623. Desta forma pode-se acrescentar pelo menos um ano na data citada. Outra informação diz respeito a referência na folha 16r à Antonio Vicente [Cochado], cuja carta serviu de modelo para João Teixeira Albernaz traçar o delta do Rio Amazonas, como Patrão Mor de Pernambuco, cargo que foi desempenhado a partir de 1624.

Um último ano identificável vem a ser o ano de 1631, devido às referências sobre a Fortaleza de Santa Cruz, construída pelos holandeses na Ilha de Tamaracá (Itamaracá), além de apresentar suas posições na conquista de Pernambuco, em 1630.

Por outro lado, a negação de datação pode ser verificada pela não apresentação de evidências sobre a rendição da fortaleza dos Reis Magos, no Rio Grande do Norte em 1633, assim como sobre os acontecimentos que ocorreram em época posterior, como, por exemplo, a queda da Paraíba em 1634. Assim é possível restringir a época de sua elaboração entre 1631 e 1633.

Ao final deste trabalho, será apresentada uma comparação gráfica, que corroborará com esta conclusão.

2 – João Teixeira Albernaz i (O Velho)

Antes de João Teixeira Albernaz, deve-se citar Luiz Teixeira, o qual segundo Cortesão (1944), deveria ser o último dos grandes cartógrafos, cuja atividade iniciada no século XVI, prolonga-se ainda por duas décadas no século XVII. Como herdeiro de grandes tradições cartográficas de seu tempo, cobre uma época de transição e surgimento da escola flamenga, substituindo a escola portuguesa, mas ainda distinguindo-se através de suas obras.

O códice *Roteiro de Todos os Sinais, Conhecimentos, Fundos, Alturas e Derrotas que Há na Costa do Brasil, desde o Cabo Santo Agostinho até o Estreito de Magalhães*, é uma de suas mais conhecidas e proeminentes, assumindo uma importância sem par na História da Cartografia, por ser um documento que reúne as instruções náuticas e descrição de uma imensa área do Brasil, em trechos e cartas separadas.

Luiz Teixeira era filho, pai e avô de cartógrafos. Seguindo sua profissão, formou-se em sua escola, seu filho João Teixeira, seguido por outros da mes-





ma família. A carta de ofício de “mestre de fazer cartas de navegar” foi recebida em 1602, tendo exercido sua profissão até a segunda metade do século XVII. João Teixeira apresenta em seu período de atividade, uma vastíssima literatura cartográfica sobre o Brasil, entre as quais:

- “Razão do Estado do Brasil”, 1613, Biblioteca do Porto, refletindo a influência de Luis Teixeira.
- Atlas Universal, chamado da Duqueza Du Berry, c. 1620;
- “Livro que da Rezão ao Estado do Brasil”, c. 1626, Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico, Rio de Janeiro;
- “Descrição de toda a Costa do Brasil”, 1627, Biblioteca de Paris;
- Folhas de Atlas Universal (6), Biblioteca Nacional, c. 1630;
- Folha Atlas do Brasil, 3 cartas, Biblioteca Nacional, ?;
- Atlas de Washington, 1630;
- Atlas “Estado do Brasil Coligido das mais certas notícias ~q se pode ajuntar Dó Jerônimo Ataíde, 1631;
- Quatro Atlas com 31 ou 32 cartas “Descrição de todo o marítimo da Terra de Santa Cruz”, de 1640;
- Atlas com 23 cartas (2), Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1642;

Adicione-se à esta vasta bibliografia cartográfica, o Atlas Praguense ora apresentado e pode-se ter uma idéia da contribuição dada por João Teixeira Albernaz I (O Velho), à cartografia portuguesa e brasileira, bem como à mundial, com suas demais obras.

São conhecidas outras obras avulsas sobre a América Meridional e costa do Brasil, sem data determinada, mas com a autoria reconhecida.

A análise da datação da bibliografia cartográfica, mostra que ocorreram dois períodos de intensa produção: um entre 1626 e 1631 e outro entre 1640 e 1642, havendo uma grande lacuna entre os dois. Cortezão (1944) relaciona o primeiro período, com a invasão holandesa na Bahia, recuperação em 1625 e a invasão de Olinda em 1630. O segundo período relaciona-se com a restauração da Independência de Portugal. O vazio cartográfico entre esses dois períodos, pode ser perfeitamente correlacionado a não se fornecer quaisquer tipos de informações para o invasor. Uma análise da cartografia holandesa sobre a área invadida indica que as informações dos Atlas eram perfeitamente conhecidas por eles.





Assim o Atlas Praguense pode ser enquadrado perfeitamente na época delimitada. Apesar de oferecer algumas informações sobre a costa brasileira, essas informações não são extensas, mas localizadas. Em contraposição, verifica-se uma atuação sobre as demais áreas do domínio português, justificando-se assim o afastamento do cartógrafo do mapeamento do Brasil.

3 – Os Mapas da Baía de Guanabara - 1626-1640

Praticamente em todos os seus códices, João Teixeira Albernaz I representou com diferentes objetivos, a Baía de Guanabara, em alguns deles de uma forma que chega a impressionar em termos de detalhes da área, como as representações de 1626, a melhor de todas em termos geográficos, e a de 1627, na qual se verifica a grande influência da primeira. No entanto a representação deste local degrada-se, a medida que os anos avançam, mostrando uma baía totalmente diferente entre suas representações, não obstante, as descrições escritas estarem bastante ricas.

Aproveitando-se da representação do Atlas Praguense, foi desenvolvida uma pesquisa comparativa entre os mapas referentes à Baía de Guanabara, existentes nas obras de João Teixeira Albernaz I. Assim serão apresentados detalhes dos mapas de 1626, 1627, 1630, 1631 e 1640.

Como elementos de comparação foram estabelecidos o traçado gráfico, anotações sobre a área no mapa, riqueza de detalhes e toponímia existente.

3. 1 – Carta do Rio de Janeiro (Baía de Guanabara) de 1626

Pertencente ao códice existente no Instituto Histórico Geográfico, “**Livro que da Rezão ao Estado do Brasil**”, esta carta é a terceira do documento. Sem termos de comparação, é uma das melhores, senão a melhor de suas representações da área, a qual está bem próxima da realidade. A entrada da barra, a ilha de Villegaignon, o Saco de Jurujuba, Ilha do Governador, denominada de Ilha do Gato nesta época. São bem representadas as duas lagoas no litoral, Piratininga e Maricá (Pertininga e Maricahá). A toponímia é fracamente representada, com apenas 16 nomes atribuídos ao longo de todo o mapa.

Ao lado de representações bem realistas, são omitidas ou apresentadas erradamente, por exemplo, as posições das fortalezas de Santa Cruz e São





João, em contraposição ao forte São Thiago, que deveria constar na base do morro do Castelo e é representado em uma ilha na frente da ponta do Calabouço. Tanto o morro do Castelo e de São Bento, também não são representados, como a ilha das Cobras é apenas uma pequena marca.

Poucos rios são denominados: Carioca, Pacoíbe (Guapi-açu), Macuco (Macacú), Vraiube (Guaxindiba) e Esteiro (Cachoeira). A figura 1 apresenta a Carta da Baía de Guanabara.



Figura 1 – Carta do Rio de Janeiro, 1626

3.2 – Carta do Rio de Janeiro (Baía de Guanabara) de 1627

Existente na *Bibliothèque Nationale de France*, em Paris, está o códice datado de 1627 e assinado por João Teixeira Albernaz. Contem dezenove cartas sobre o Brasil e a quarta carta corresponde uma carta sobre o Rio de Janeiro.

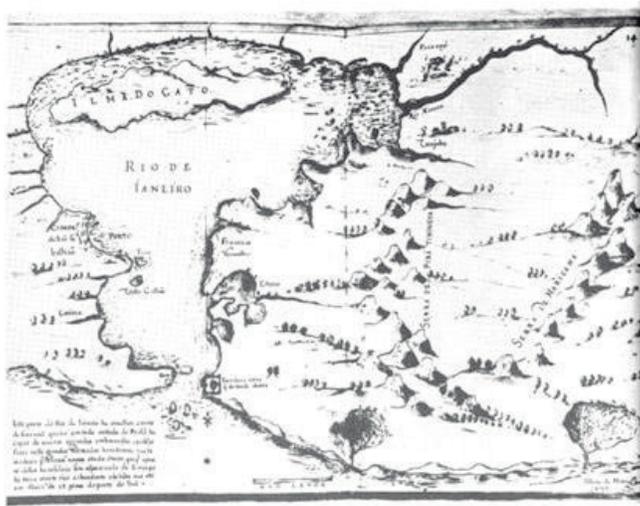


Figura 2 – Carta do Rio de Janeiro de 1627 – Bibliothèque Nationale de France, Paris

Conforme pode ser visto na figura 2, o mapa é uma cópia de menor qualidade a carta de 1626. Praticamente não há melhoramentos no documento em relação ao seu aspecto. Alguns locais deixam de ser representados, como a Cidade Velha, o Pão de Açúcar e continuam os mesmos erros da carta anterior, em relação aos morros de São Bento, Castelo, Forte São Thiago e Ilha das Cobras. O topônimo Pacocoy identifica um rio e uma povoação, a qual é a atual Magé. A atual Itaboraí é vista como Vrajuba. São apresentados 16 topônimos.

As Ilhas Maricahas, assinaladas na parte inferior direita da carta, eram à época realmente assim conhecidas, mas representam as atuais ilhas do Pai e da Mãe, em frente à lagoa do mesmo nome.

Após esta representação, os demais mapas que João Teixeira Albernaz produziu, apresentam a Baía de Guanabara bastante deformada, em um flagrante retrocesso no processo de desenho cartográfico.

3.3 – Carta de 1630

Na Biblioteca do Congresso, em Washington, EUA, encontra-se o documento “**Taboas geraes de toda a navegação / divididas e emendadas por Dom Ieronimo de Attayde com todos os portos principaes das conquistas de Portugal delineadas por Ioão Teixeira cosmographo de**





Sua Magestade, anno de 1630”, composto de 72 páginas e 31 documentos cartográficos. Algumas páginas inseridas em espanhol no início do Atlas mostram anotações da época que esteve em mãos do Rei de Espanha.

O quinto documento, à página nove, apresenta os mapas e planos dos portos do Brasil e Rio da Prata. Corresponde a uma página com onze planos, inclusive o da Baía da Guanabara.

O plano apresentado representa a “**Descrição do Porto do Rio de Janeiro No estado do Brasil e altura de 23G**”.

Nada se parecendo com os mapas elaborados anteriormente, a Baía de Guanabara é representada em uma forma alongada, retilínea do lado direito e com dois sacos ao lado esquerdo, um ao início, na Enseada de Botafogo, e outro ao fundo da Baía. A Cidade é colocada entre estes dois sacos, vista na figura 3.



Figura 3 – Plano do Porto do Rio de Janeiro – 1631 – Biblioteca do Congresso, EUA

A toponímia é simplificada, sendo apresentados os seguintes topônimos: Barra, Forte de S. J., Carioca, Fortificação, Forte S. Tiago, Cidade de S., Sebastião, I. das Cobras, Viragalhão, Lage e Fortaleza de S. +. Não existe escala associada à representação.





3.4 – Carta da Capitania do Rio de Janeiro de 1631

Fazendo parte do Atlas do “Estado do Brasil, coligido das mais certas noticias q. pode aivntar Dõ Ierônimo de Ataíde. por João Teixeira Albernás, Cosmographo de Sva Mag.de/ anno 1631”, a Carta da Capitania do Rio de Janeiro é a décima segunda das 36 cartas que o compõem. Considerando-se o estilo do plano de 1630 como um esboço, já neste Atlas, que tem por objetivo realmente a cartografia, mostra o retrocesso em seu trabalho, pelo menos em relação ao contorno e detalhamento geográfico da Baía de Guanabara, figura 4.

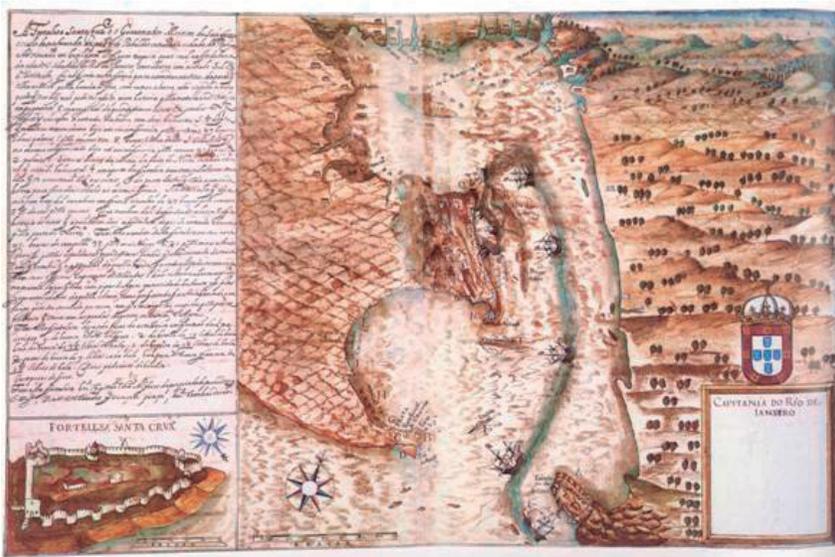


Figura 4 – Carta da Capitania do Rio de Janeiro, 1631

Um detalhe interessante é definido pela faixa azul que mostra o canal de acesso ao porto, a partir da entrada da barra, sendo um dos primeiros mapas portugueses a apresentar este tipo de convenção.

A esquerda da carta é apresentada uma descrição da “Fortaleza De Santa Crvx”, bastante completa, mas equivocada sobre sua data de construção, ocorrida em 1568. Abaixo desta descrição, é apresentado um plano da fortaleza em uma escala de braças.

Contrapondo-se a pobreza, ou a má representação da área, coloca-se a riqueza de descrições existentes. No verso da carta, utilizando-se de todas as





letras do alfabeto, João Teixeira descreve os principais pontos de interesse, de uma forma bem completa. Os seguintes locais são descritos e posicionados na carta: A- Descrição da Fortaleza de Santa Cruz; B- Forte de São João; C- Bateria de São Martinho, no Forte São João; D- Pão-de-Açúcar; E- Rochedo da Lage; F- Ilha de Villegaignon (Vira Galhão); G- Praia Vermelha; H- Praia da Olaria (trecho da praia de Botafogo); I- Foz do Rio Carioca, Praya da Carioca (agoada Carioca); L- Rochedo do Iriripe (morro da Glória); M- Forte São Tiago; N- Cidade de São Sebastião; O- Montanheta, onde se situa o situa o Morro de São Bento; P- Bateria instalada na base do Morro de São Bento (para defender o ancoradouro da cidade ; Q- Na Ponta de São Bento; R- Ilha das Cobras; S- Banco de areia em frente à cidade; T- A See Matriz, Igreja de São Sebastião, na base do Morro do Castelo; V- Mosteiro de São Francisco, no antigo Morro de Santo Antonio; X- Trincheirões, baluartes construídos por Martim de Sá, para a proteção dos flacos do Morro do Castelo e Santo Antônio; Y- Colégio dos Jesuítas, situado no Morro do Castelo; Z- Ermida de N. As da Ajuda.

A cada uma das compreendia uma descrição mais ou menos detalhada do local, configurando-se esta obra, como uma das mais completas em termos de informações sobre a cidade se suas fortificações.

São apresentadas na carta 21 topônimos, muitos dos quais não apresentados nos mapeamentos anteriores.

3.5 – Carta do Rio de Janeiro de 1640

O livro “**Descrição de todo o marítimo da Terra de S. Crvz chamado vulgarmente o Brasil. Feito por Ioão Teixeira, Cosmógrafo de S. Magestade. Anno de 1640**”, composto de 31 folhas, encontra-se no Ministério das Finanças em Portugal, onde a Carta do Rio de Janeiro é a nona em ordem no Atlas.

Inicialmente deve-se alertar para a diferença de datas entre este documento e o anterior, de 1631, fato já chamado a atenção, devido aos problemas das invasões no território do Brasil.

Conforme pode ser visto na figura 5, a representação da Baía é bastante semelhante a Carta de 1631, ainda apontando semelhanças na conformação da Enseada de Botafogo e da Fortaleza de Santa Cruz.





Figura 5 – Carta do Rio de Janeiro de 1640

Alguns dos erros que podem ser apontados nesta representação, são a identificação das “Ilhas do Senhor meupay”, com o arquipélago das Cagarras, a posição da Ilha de Villegaignon ao sul do Morro do Castelo, a identificação da Ilha do Governador como Ilha de Martim de Sá, bem como a sua colocação deslocada, quase junto ao continente, assim como a sua má representação gráfica.

O lado direito da Baía está mal delineado, praticamente como nos anteriores, mostrado como uma linha reta, sem detalhes aparentes, como o Saco de Jurujuba e São Francisco,

Neste mapa, no entanto, aparece a representação da Pedra da Gávea, os rios localizados no fundo da Baía, têm seus nomes corretos e na ordem certa, embora outros rios importantes não tenham sido representados.

Em relação a toponímia, é a mais rica apresentada entre todas as demais cartas da Baía, apresentando cerca de 35 (trinta e cinco) topônimos.

3.6 – Demonstração do Rio de Janeiro – Atlas Praguense – 1633 (?)

A “**Demonstração do Rio de Janeiro. Em altura de 23 graos**”, representado à folha 18v, juntamente com a Demonstração do Porto do Spo Santo, no Atlas Praguense, possui as mesmas características dos últimos mapas, a partir de 1630, 1631 e 1640. A figura 6 apresenta o mapa relativo à Baía de Guanabara.



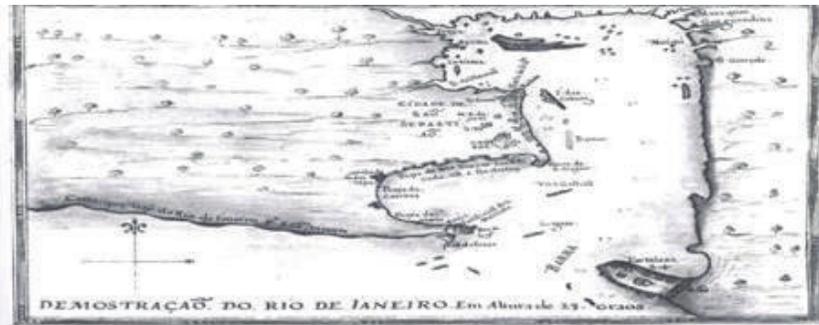


Figura 6 – Demonstração do Rio de Janeiro – Atlas Praguense – 1633 (?)

A Baía de Guanabara é representada de forma alongada, com dois sacos ao lado esquerdo da baía, o primeiro situando a Enseada de Botafogo, com as praias da Olaria e da Carioca, o segundo situado após a área edificada da Cidade, representando São Cristovão, Inhaúma e Irajá. O fundo da Baía apresenta os rios, mas não os identifica, só acontecendo ao lado direito, com o Macaquer e Guaguandiu. O Rio Mirigui possui a mesma indicação do mapa de 1631 (*Marigui*). A costa é traçada praticamente como uma reta, sem outras indicações geográficas, de S. Gonçalo até a Fortaleza de Santa Cruz. Junto à Fortaleza, existe uma indicação da existência de um fosso, o qual também é indicado no mapa de 1631.

A atual Ilha do Governador continua a ter os mesmos problemas de representação, tanto pelo tamanho e forma, como pelo topônimo associado erradamente como Ilha de Martim de Saa.

Em termos de topônimos, em relação ao mapa de 1631, existe a coincidência de 20 (vinte) topônimos e ela praticamente se iguala em número, 32 (trinta e dois), sendo que 26 (vinte e seis) coincidem com a carta de 1640. No entanto, deve-se prestar atenção às variações de escrita entre alguns deles, como Irayá e Irajá, Cidade de São Sebastião e Cidade de S. Sebastião, Intiama e Inhauma, Guaguanduva e Guaguandiua, entre outros. Pode-se estabelecer, através do Anexo I - Tabela de Topônimos dos Mapas da Baía de Guanabara, uma análise comparativa dos topônimos existentes em todos os mapas, principalmente os apresentados nos mapas de 1631, 1640 e Praguense, o que permite verificar a semelhança entre eles.

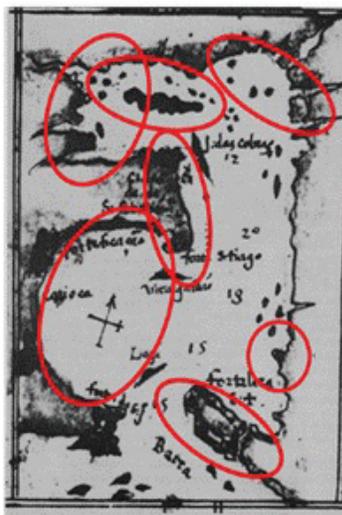
Por outro lado, a função deste Atlas é apresentar navegações, portos e



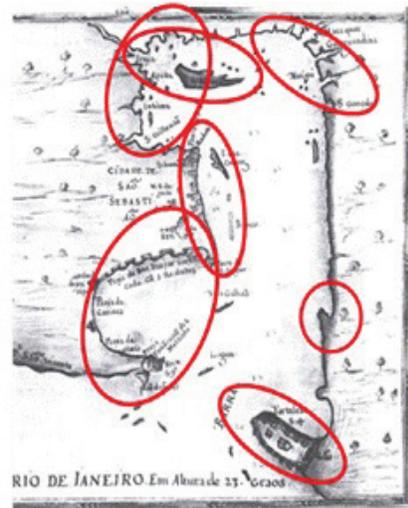


demonstrações de portos e pequenas descrições. À folha 15r, pode ser lido o título “*Descripção. / Delas Cvtro Oias / Que Se Sigven / Contie^{na} Los Poertos Princip^{es} / Del Estado Del Br.^{asil} / Asta El Rio De La Plata*”, onde são apresentados todos os mapas referentes ao Brasil: Demonstração dos Rio Pará e Amazonas, à folha 16r, Maranhão, Rio Grande[do Norte] da banda do Sul e Parahíba, à folha 16v, Ilha de Tamaracá (Itamaracá) e Pernaõbuco (Pernambuco), Bahia de Todos os Santos, à folha 17v, Ilhéus, Morro de São Paulo e Porto Seguro, à folha 18r, Espírito Santo e Rio de Janeiro, à 18v e São Vicente e Rio da Prata à folha 19r, Todos os mapas têm a mesma estrutura de apresentação resumida, da mesma forma que o mapa do Rio de Janeiro.

Algumas comparações podem ser vistas nas figuras 7, 8 e 9, que mostram os elementos comuns entre o mapa Praguense e os demais.



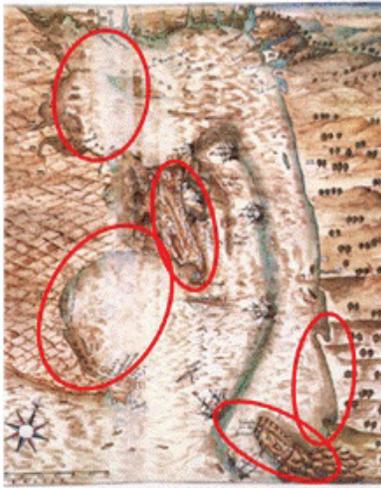
1630



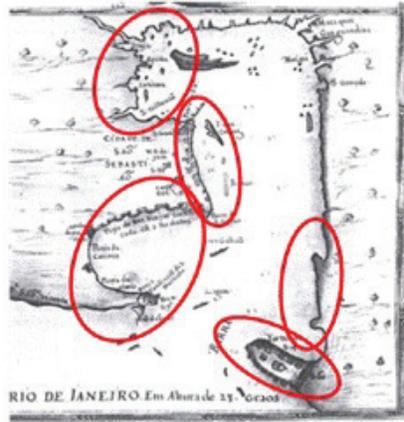
Atlas Praguense

Figura 7 – Comparação de elementos comuns entre o mapa de 1630 e Praguense



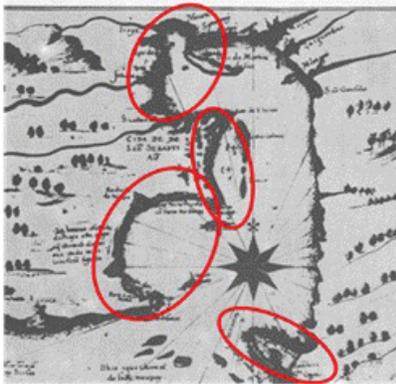


1631

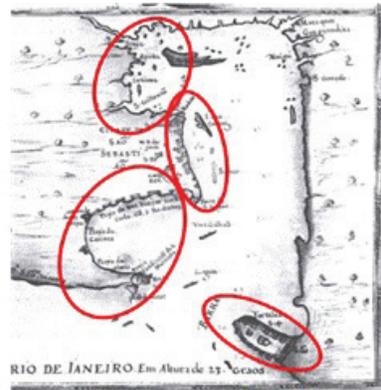


Atlas Praguense

Figura 8 – Comparação de elementos comuns entre o mapa de 1631 e Praguense



1640



Atlas Praguense

Figura 9 – Comparação de elementos comuns entre o mapa de 1640 e Praguense





4 – Conclusões

Inicialmente a principal conclusão versa sobre a autoria do Atlas. O estilo, informações e representações, não só em relação aos mapas representativos do Brasil, mas aos de outras partes do mundo, dominado pelos portugueses, coloca a autoria para João Teixeira Albernaz I (o Velho).

Sobre a datação, também não de se divergir muito das conclusões já definidas por Binková (2004), no entanto, a análise dos topônimos registrados no Anexo 1 – Tabela de Topônimos dos Mapas da Baía de Guanabara, mostra a proximidade entre os mapas de 1631 e 1640, surgindo um questionamento de qual deles serviu de modelo para o outro. Os mapas de 1626 e 1627 pouco contribuem para a análise toponímica.

Na comparação geométrica, descartam-se os mapas de 1626 e 1627, que apesar de serem os mais próximos da realidade, diferem inteiramente dos demais, levando-se a acreditar em uma possível mudança radical nos desenhistas a serviço de Albernaz. Existem semelhanças bastante evidentes nos mapas da Baía de Guanabara de 1630, 1631, 1640 e o Praguense. Em comum a forma geral alongada, com a margem direita retilínea, o fundo da Baía com a indicação dos rios e a margem esquerda apresentando a cidade do Rio de Janeiro, impressada entre os dois sacos. A entrada da Baía é bastante semelhante em todos os quatro mapas, mais uma vez confirmando a autoria.

Desta forma, lamentando não se ter os originais para trabalhar, ou pelo menos uma edição facsimilarisada como tantos outros existentes, fica a Cartografia Portuguesa e a Brasileira, sem um documento importantíssimo para sua História. Pode-se inclusive argumentar e questionar, quantos documentos cartográficos, mapas, plantas e cartas, que deveriam pertencer ao acervo cultural brasileiro, encontram-se “extraviados”.

Conhece-se apenas o acervo que existe catalogado, mas não se tem um levantamento final e detalhado ao longo de todos os detentores, criando-se assim condições para a ocorrência de extravios e mesmo perdas pelo desconhecimento da existência deste material.





Referências Bibliográficas

- ADONAI, I. *Catálogo de Plantas e Mapas da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores, Mapoteca, 1966.
- ADONAI, Isa. A Cartografia da Região Amazônica. In: *Catálogo descritivo: 1500-1961*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963.
- ADONAI, Isa. *Mapa – Imagens da formação territorial Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Odebrecht, 1993.
- BINKOVÁ, S. ET alli. *Pražský Teixeiraů atlas (Atlas Teixeira Praguense): Agentura vojenských informací a služeb*. Praha: CZ, 2004.
- CORTESÃO, Armando. *Cartografia e Cartógrafos Portugueses dos Séculos xv e xvi*. Lisboa: Seara Nova, 1935.
- CORTESÃO, J. *História da Cartografia do Brasil (Séculos xvi e xviii): Apontamentos do Professor Jaime Cortesão*. Rio de Janeiro, 1944. (Curso de Mapoteconomia, mimeografadas).
- MELLO JUNIOR, D. *Rio de Janeiro, Planos, Plantas e Aparências*. Rio de Janeiro: João Fortes Engenharia, 1988.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (Brasil). *Livro que dá Razão ao Estado do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.
- MOURA FILHA, M. B. O Livro que dá “Rezão do Estado do Brasil” e o povoamento do território brasileiro nos séculos xvi e xvii. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Patrimônio*, Porto, 1 Série, v. 2, p. 591-613, 2003.
- TEIXEIRA FILHO, A. *Roteiro Cartográfico da Baía de Guanabara e cidade do Rio de Janeiro – Século xvi e xvii*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. (Coleção Histórica e Cultural do Rio de Janeiro).





Anexo 1

Anexo 1 - Tabela de Toponimos dos Mapas da Baía de Guanabara

1640

Ilhas que chamão de Shôr meupay
agauea

Pão de Açúcar

Forte S. Y.

Forte São Martinho

Praya da Clara

Praya da Carioca

20 biraças afastada da Praya esta a Agoa
aq-chamão da Carioca onde os nauros faze

Agua da

Irippe (rochedo)

Pray Fortificada cõ cinco redutos

Forte de S. Tiago

Cidade de S. Sebastião

Sebe

S. Fro

colégio

Reduto de São Bento

Inhauma

Apedra (Ergenho da Pedra)

Irayá

Mereti

Sarapuy

Soruy

Magee

Macaquer

Guargandua

Mirigui

S. Gonçalo

Fortaleza de S. Cruz

Lagea

Vira Galhão

Banco

I. das Cobras

Ilha de Martim de Sa

1631

Pão de Açúcar

Forte de S. Y

Fortificação de S. Martinho

Praya da Clara

Praya da Carioca

Agoadã da Carioca

Forte de S. Tiago

Cidade de S. Sebastião

Inhauma Inhauma

A Pedra

Irayá

Mereti

Sarapuy

Suruy

Macaquer

Guargandua

Mirigui

São Gonçalo

Fortaleza de Santa Cruz

Lagem

Vira Galhão

Banco daeoa

Ilha das Cobras

Ilha do G. Martim de Sa

Guaxindiba

São Cristóvão

Praya (possivelmente Praia Vermelha)

Porto

1630

Forte de S. J

Fortificação

Carioca

Forte S. tiago

Cidade de S. Sebastião

Fortaleza de S +

Lage

Vira Galhão

Berra

1627

Forte (São João)

Carioca

Forte (S. Tiago) Cobras

Cidade de São Sebastião

Fortaleza nova (q defende a barra)

Vila Galhão

Ilha do Gato

Vrauba (Guaxindiba)

Serra de Maricahã

Serra de Piratiningã

Porto

Berra

Esteiro

Barreiras Vermelhas

Pacocy

1626

Carioca

Cidade de São Sebastião

Rio Maacou

Fortaleza

Vila Galhão

Forte (l. Cobras)

Ilha do Gato

Vraube (Guaxindiba)

Serra de Maricahã

Serra de Piratiningã

Porto

Berra

Esteiro

Barreiras Vermelhas

Pacoi (Guapi-Açu)

Cidade Velha